

Os Impactos do Turismo em Morro de São Paulo

Carlos Humberto Carvalho Silva Junior, graduando em Geografia Licenciatura pela
Universidade Federal de Sergipe (UFS) humbertojuniortj@hotmail.com
Christian Boudou, professor de Departamento de Geografia da Universidade Federal de
Sergipe (DGE/UFS) geoboudou@yahoo.com.br
Jéssica Larissa Amaral da Silva Oliveira, graduanda em Geografia Licenciatura pela
Universidade Federal de Sergipe (UFS) jessica_laso@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende analisar, através de uma abordagem geográfica, as implicações do turismo em Morro de São Paulo, bem como seus impactos positivos e negativos. A área de estudo é um vilarejo pertencente à cidade de Cairu, único município arquipélago do país, sendo ele o terceiro maior destino turístico do estado da Bahia, onde Salvador e Ilhéus são os primeiros. Procurou-se o entendimento da produção do espaço pelo turismo nessa localidade de Morro de São Paulo, através da observação e identificação das práticas turísticas, perceber a visão dos agentes (re) produtores deste espaço, tais como a visão do(s) habitante(s), dos turistas, do poder público e do poder privado além de compreender o que motiva cada um a atuar na referida localidade.

Introdução

Morro de São Paulo é um vilarejo pertencente a cidade de Cairu no estado da Bahia distando 325 quilômetros ao sul de Salvador. Sendo Cairu um município arquipélago, o acesso é realizado através da cidade de Valença, distante 51 quilômetros. O objeto de estudo está localizado em um ambiente costeiro que, por natureza, é um espaço diferenciado onde, segundo Moraes (1999), pois possui características naturais peculiares além de, hoje, na modernidade, as regiões costeiras abrigarem a maior parte da população mundial e atividades dos setores secundário e terciário.

Esse artigo objetiva analisar os impactos turísticos no espaço costeiro de Morro de São Paulo, assim como suas consequências tanto positivas quanto negativas. Ainda segundo as ideias de Moraes (1999, p. 18), a área litorânea é “uma apropriação cultural que o identifica como um espaço de lazer, por excelência”, por isso que “as atividades pecuárias e agrícola-comerciais, por exemplo, são cada vez menos praticadas nestes espaços que, em função de seu valor, ficam disponíveis para utilizações de maior rentabilidade no uso do solo” (p. 19).

A atividade turística, por ser uma das responsáveis pela intensificação do uso do espaço litorâneo, pode ocorrer de quatro formas, segundo Moraes (1999, p. 43)

“ora estruturada como um setor dentro da estruturação urbana de uma cidade litorânea; ora articulada a espaços de segundas residências, geralmente de alto padrão; ora mediante investimentos maciços criando a função e revivendo ‘cidades mortas’; ora ainda como indutora da ocupação de novas áreas”.

A área costeira brasileira é densamente povoada desde o seu descobrimento, pois “na dinâmica de ocupação do território, os espaços litorâneos eram estratégicos e deixaram, portanto, marcas na estruturação da rede urbana contemporânea” (DANTAS, 2009, p. 44), porém, sabemos que nem todos os lugares do litoral são ocupados.

Como se pode notar, esse crescimento urbano e essa expansão da urbanização ocorreu principalmente nas regiões litorâneas, onde é possível perceber a relação estreita e intensa do turismo com a zona costeira no Brasil. Na Bahia, o turismo litorâneo é muito intenso, especialmente nas cidades de Salvador, Ilhéus e Morro de São Paulo, sendo estes os principais destino escolhidos pelos turistas que visitam o estado da Bahia.

No intuito de se alcançar os objetivos referidos acima, procurou-se num primeiro momento o devido referencial teórico em obras tanto geográficas quanto turísticas,

visando a formação e sustentação do mesmo. Posteriormente fez-se uma visita técnica em novembro de 2010, onde, através de entrevistas informais e da observação e análise do espaço in loco, procurou-se a aplicação do já adquirido referencial teórico.

Nesse ínterim, procurou-se através dessa observação feita durante a referida visita técnica, identificar algumas das práticas turísticas realizadas em Morro de São Paulo, perceber a visão dos agentes (re) produtores deste espaço, tais como a visão do(s) habitante(s), dos turistas, do poder público e do poder privado além de compreender o que motiva cada um a atuar na referida localidade e observar de perto a criação de espaços pelo turismo além da apropriação de determinados objetos preexistentes naquele espaço que são absorvidos pelo e para o uso do turismo, tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda do uso turístico, de acordo com Cruz (2003).

O Turismo Sobre o Espaço de Morro de São Paulo

A visita técnica à Morro de São Paulo ocorreu entre os dias 05 a 07 de novembro do ano de 2010, para a disciplina Fundamentos Geográficos do Turismo, do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que foi ministrada pelo Professor Christian Boudou. A chegada ao vilarejo ocorreu pela cidade de Valença, na Bahia. A partir do momento de chegada ao espaço de Morro de São Paulo pudemos confrontar a visão que é vendida – espacialmente por agências de turismo – do espaço da referida localidade com a realidade observada, isto é, a política de marketing e a ação combinada da publicidade e propaganda constroem uma imagem turística da cidade, de acordo com as idéias de Dantas (2009). Essa visão vendida traz imbutida a ideia de um local paradisíaco, com pessoas receptivas e bonitas, com a possibilidade de vários passeios além de uma noite movimentada (ainda que aconchegante) com muitos tipos de restaurantes e barzinhos.

Entretanto, para entendermos a dinâmica do fenômeno turístico em Morro de São Paulo, precisamos compreender o conceito de turismo. Segundo Ignarra (2003), a definição de Turismo é dada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e diz que são as viagens que o turista realiza fora do seu ambiente cotidiano não ultrapassando o período de um ano e que pode ter sido realizada por várias motivações.

A falta de aspectos teóricos e metodológicos dificulta seu processo enquanto

ciência. Tendo em vista que é uma área multidisciplinar, o Turismo vem recebendo colaborações das mais diversas ciências, como é o caso da Geografia, Administração, Sociologia, Psicologia, Economia, Arquitetura, entre outras, de acordo as ideias de Xavier (2007).

Segundo Ignarra (2003), de acordo com as definições mais tradicionais do turismo, como, por exemplo, a OMT, este contém quatro componentes: os turistas, os prestadores de serviços, o governo e a comunidade local. Todavia, o turismo sob a ótica da ciência geográfica é um fenômeno que ilustra a sociedade moderna, pois além de ser uma prática de mobilidade é também um fenômeno social e urbano. Os seres humanos necessitam ter a prática de lazer, dessa forma, viajar é um meio pelo qual essa possibilidade se consolida.

Ainda de acordo com Xavier (2007, p. 20) a Geografia analisa o Turismo por “uma óptica espacial, incorpora-o como atividade modificadora e organizadora do espaço geográfico”, ou seja, considerada as relações socio-espaciais e os aspectos ambientais, culturais e ecológicos de um determinado local para analisar o fenômeno do turismo.

Baseado nas ideias de Damiani (2002), os espaços turísticos acabam por perder sua identidade, se tornando homogêneos a fim de atender a demanda criada pelo capitalismo. Pois, visto pelo âmbito da Geografia, em especial a Geografia Urbana, o capitalismo ao (re)criar espaços para ampliar o fluxo turístico, assim como a motivação de cada turista, acaba por destruir os diversos lugares, uma vez que o turismo, segundo Damiani “é um ambiente necessário à fuga, sem a qual a ‘vida’ parece insuportável” (2002, p. 48).

É importante salientar que não haveria turismo, se não houvesse os turistas. De acordo Ignarra (2003) a OMT intitula como viajantes as pessoas que consomem os serviços turísticos fora do seu ambiente cotidiano por qualquer tipo de motivação. Mas existe também o visitante que se divide em turistas e excursionistas. Excursionistas são as pessoas que viajam com o objetivo da recreação, mas que não pernoitam no local visitado, enquanto que o turista passa mais de 24 horas, ou pelo menos, pernoita.

Sendo o turismo uma atividade de âmbito multi, inter e transdisciplinar que dificulta estabelecer suas diretrizes de objeto e campo de estudo, a ciência geográfica auxilia neste processo, tornando-o complexo. O turismo e o turista podem ser vistos pela Geografia de uma forma que englobe todo o contexto que surge no tempo e no espaço, podendo, como fenômeno social compreender e (re)construir o espaço

geográfico.

Procurou-se durante a visita técnica utilizar o conhecimento geográfico como base da análise da produção do espaço da vila, bem como as implicações que a atividade turística traz sobre esse mesmo espaço.

Em um primeiro momento, a visita técnica revelou-nos um espaço muito próximo daquele vendido pelas agências de turismo, conforme explicitado anteriormente. Praias paradisíacas, com toda uma infra-estrutura voltada para o bem atender o turista, com pousadas e hotéis das mais variadas estruturas, tamanhos, serviços e obviamente preços. A gama de atividades de lazer aparentam ser infindáveis com passeios de barcos, banhos de sol a beira da praia ou de piscinas, bem como barzinhos, restaurantes que mantem o turista entretido durante todo o dia além da noite. Atendentes simpáticos estão sempre prontos e aptos a satisfazer os desejos e suprir as necessidades.

No segundo momento, foi possível observar que a maioria dos turistas que visitam o vilarejo de Morro de São Paulo são caucasianos, pois são os estrangeiros de regiões temperadas do planeta que visitam o espaço em busca de praias de água quente com clima tropical. Essa visão com teor determinista pode ser explicado pelo fato de que turismo é uma prática de lazer que é realizada fora do ambiente cotidiano, ou seja, os turistas estão a procura do exótico. E, por conta disso, foi perceptível a presença enorme de europeus oriundos dos mais diversos países haja vista que as línguas mais ouvidas eram o inglês, espanhol, francês e línguas escandinavas como o finlandês.

O produto turístico, isto é, o agrupamento de elementos que compõe a atividade turística são os mais diversos, sendo compostos pelos bens e serviços, o capital, a infra-estrutura e equipamentos, a gestão, a imagem da marca e o preço. Estes, favorecidos pelo “atrativo natural” de Morro de São Paulo, que são as oito praias localizadas na ilha - primeira praia, segunda praia, terceira praia, quarta praia, praia do Encanto, Garapuá, Pratigi e Gamboa -, se apropriam de determinados objetos preexistentes naquele espaço sendo absorvido pelo e para o turismo.

Além disso, o espaço foi se organizando de modo a criar outras opções de entretenimento, sendo quase todos ligados direta ou indiretamente ao espaço das praias, como passeios de barcos e lanchas, mergulhos nas piscinas naturais, luais à beira-mar, boates dançantes na própria praia e até mesmo locais que vendem o acesso para se ter uma posição privilegiada da vista mais bonita do pôr-do-sol da ilha. No período da noite margeando as praias um e dois, existem dezenas de bares e estabelecimentos afins, muitos desses apresentando música ao vivo nos mais variados ritmos, como samba,

MPB, pagode além de músicas internacionais. Várias barraquinhas de drinks também são montadas nesse horário.

Os prestadores de serviços têm o maior cuidado com a figura do turista, pois estes são a maior fonte de renda econômica do espaço de Morro de São Paulo.

Já os moradores do vilarejo de Morro de São Paulo, entretanto, não possuem as vantagens de aproveitar a ilha como os turistas, já que “a sociedade local não se reconhece neste novo quadro a ela ofertado” (DANTAS, 2009, p. 58). É possível observar as desigualdades existentes no local, em especial nos bicos, onde passa-se a notar as moradias escondidas por trás das casas comerciais. Embora existam casas que denotam certa qualidade de vida, também é observável casas mais simples.

Algumas das pessoas que nasceram na ilha antes da época da expansão imobiliária e turistificação não residem mais naquele local, pois foram expulsas, já que as suas residências foram transformadas em estabelecimentos voltados para a atividade turística (pousadas, hotéis, restaurantes e agências de viagens) e por conta do custo de se manter neste lugar. Na atualidade, a maioria dos residentes de Morro de São Paulo que prestam algum tipo de serviço ao turismo e aos turistas são originados de outras localidades próxima, ou até mesmo distantes, devido aos bons rendimentos alcançados por causa da atividade turística.

As pessoas nascidas na ilha que resolveram ficar foram mudando do seu local de vivência, da praia para o interior, devido ao avanço do turismo, para esconder a fragilidade e vulnerabilidade existente nesses moradores – como a alta taxa de analfabetismo e falta de qualidade de ensino – que têm que conviver com as desigualdades do aumento da demanda por infra-estrutura básica, como saneamento, abastecimento de água, energia, telefone, iluminação, limpeza e segurança. E, em virtude dessas mudanças na sociedade vieram os problemas de ordem ambiental e consequentemente, começaram a surgir, os de ordem social.

O Estado, seja estadual ou municipal, tem de fazer da atividade turística um promotor de desenvolvimento capaz de gerar inclusão social e renda nas comunidades, assegurando o equilíbrio sócio-ambiental. Mas,

“Por outro lado, como produtor de espaços (responsável pela edificação das grandes obras de engenharia), o Estado é – por intermédio de seus diferenciados órgãos – o maior agente impactante na zona costeira, com capacidade de reverter tendências de ocupação e gerar novas perspectivas de uso” (MORAES, 1999, p. 25)

Para o Estado, o turismo é um fenômeno com muitos fatores econômicos

positivos: cria empregos, gera impostos e o desenvolvimento. Mas se for mal planejado e implantado, pode ser fator de desordenamento urbano, poluição, exclusão social, concentração de renda, aumento da prostituição e exploração sexual de crianças e adolescentes.

Segundo Dantas (2009, p. 65) “as políticas engajadas em matéria de turismo são, por conseguinte, pontuais e desarticuladas”, todavia com a mudança no quadro econômico na década de 40 para substituição de importação, sendo continuado pelo governo militar na década de 1960 até o início de 1980 manteve uma única via de desenvolvimento.

Nos anos 60, de acordo com as orientações da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a industrialização brasileira atingiu o Nordeste. Entretanto, não havia motivação para a exploração turística, mas sim “uma simples tomada de consciência não seguida de investimentos significativos neste domínio” (DANTAS, 2009, p. 66).

Com a mudança para o modelo democrático, acontecido em 1988, permitiu que os estados e municípios tivessem recursos transferidos da União para se desenvolverem e a possibilidade de contribuição financeira estrangeiras. Dessa forma, a valorização turística foi alicerçada no espaço costeiro das cidades nordestinas pelo Programa de Ação Para o Desenvolvimento do Turismo do Nordeste (PRODETUR-NE) que foi iniciado em 1992, de acordo com Dantas (2009) para haver investimentos de ordem desenvolvimentistas.

Ainda segundo Dantas (2009, p. 48), as metrópoles nordestinas tornaram-se “pontos de recepção e de distribuição do fluxo turístico”, e, que, por conta dessa política do PRODETUR-NE, houve a “concentração de recursos, investimentos e fluxo turísticos em três Estados (Ceará, Bahia e Pernambuco)”. Este geógrafo argumenta também que “os investimentos da iniciativa privada beneficiam-se dos investimentos públicos no domínio da infra-estrutura turística, ao consolidar e ou diversificar suas ações na zona costeira”.

É importante salientar que as ações do setor público e do privado contribuem como “atrativo turístico”, além de movimentar o fluxo nas capitais do Nordeste. No caso do vilarejo de Morro de São Paulo, os turistas são atraídos primeiramente pela capital da Bahia, Salvador, para posteriormente se diluírem através de outras localidades do estado, como, por exemplo, o objeto de estudo deste artigo.

A responsabilidade pelas questões turísticas não é exclusiva dos governos

(federal, estadual ou municipal), mas da sociedade organizada como um todo. Empresários, profissionais, organizações não-governamentais, sindicatos e comunidades organizadas devem participar e se comprometer com os resultados decorrentes dos projetos turísticos.

Impactos Positivos do Turismo em Morro de São Paulo

É importante salientar que as ações do setor público e do privado contribuem como “atrativo turístico”, além de movimentar o fluxo nas capitais do Nordeste. Constatou-se essas ações também em Morro de São Paulo. Durante uma palestra com o secretário do turismo do município, foi revelado que o governo local preocupa-se em investir na atividade turística, principalmente com o intuito de maximizar a obtenção de divisas.

Nesse sentido ficou claro que o intuito mais presente do governo é o investimento numa modalidade específica da atividade turística: aquele em que há um maior fluxo de divisas. Uma das maneiras de se conseguir tal intuito é o investimento no turismo de eventos, em especial o internacional.

Esse fato ficou bem evidenciado no período da visita técnica, quando se observou a realização de um campeonato de vela internacional promovido pela prefeitura de Cairú. Ainda segundo a fala do secretário, esse evento seria o início de uma série de eventos de porte similar que deveriam atrair um maior fluxo de divisas para o município. Essa aquisição de divisas ocorreria, principalmente com a atração de turista estrangeiros, vindos de países com economia mais estabilizada e, portanto, mais aptos a gastar do que os turistas nacionais.

Tais ações governamentais, embora visem num primeiro momento apenas a atividade turística, acaba por privilegiar parte da população local, que indiretamente acaba por usufruí-las. O natural crescimento de demandas de serviços leva ao aumento das vagas de trabalho. Muitas dessas vagas são ocupadas por parte dessa população que passa a usufruir uma melhoria significativa na qualidade de vida de parte da população local.

Impactos Negativos do Turismo em Morro de São Paulo

Apesar das melhorias observadas em Morro de São Paulo, advindas do turismo, vários aspectos negativos foram observados. Alguns desses impactos constituem o outro lado da moeda dos aspectos positivos destrinchados acima.

Um exemplo pode ser encontrado nas ações governamentais que, ao privilegiar o bem-estar dos turistas, negligencia o bem-estar do morador. Esse, conforme já demonstrado, usufrui desse bem estar de maneira indireta, mas, ainda assim não deixa de sofrer as consequências do esquecimento governamental. Segundo alguns moradores, a educação no município não recebe nenhum investimento, sendo que a única escola municipal precisava urgentemente de uma reforma, a qual nunca ocorria.

Ainda nesse âmbito, o governo deixa de fiscalizar o processo de especulação imobiliária. Permite-se assim um processo de urbanização caótico, com a chegada de uma série de pousadas e hotéis que se instalam na localidade sem um mínimo de planejamento, mas contando com altos investimentos estrangeiros. A consequência imediata é a expulsão dos moradores locais, que passam a morar em pequenas casas, muitas delas escondidas atrás das pousadas e hotéis, caracterizando uma favelização sutil no local.

Igualmente há o caso do investimento do governo municipal em eventos internacionais com o objetivo de atrair turistas com maior poder aquisitivo. Tal investimento requer um planejamento e uma série de ações que permitam um aproveitamento real das divisas que obtidas. A não realização poderia acarretar impactos negativos imediatos e a longo prazo, tais como o aumento da poluição e a intensificação da favelização com o aumento da especulação imobiliária.

Finalmente, ainda no processo de investimento em grandes eventos, há a ocorrência dos shows e festivais de músicas que acabaram por substituir os festejos populares. Juntamente com a saída de parte da população de suas atividades tradicionais para assumir atividades ligadas ao turismo. Esse conjunto de fatores levaram a uma perda da identidade cultural daquela sociedade.

Considerações Finais

A observação e análise do espaço turístico da localidade de Morro de São Paulo evidenciaram que poucos são os espaços que não são voltados direta ou indiretamente para o turismo. Melhorias ocorreram ao mesmo tempo em que uma sutil segregação passou a ocorrer naquela localidade, com a existência de espaços diferenciados para turistas e moradores. Tal segregação, que com a implantação das devidas políticas públicas pode ser amenizada, tende a aumentar com a contínua demanda turística e a crescente alta nas taxas de analfabetismo da localidade.

A atividade turística em Morro de São Paulo serviu para o desenvolvimento econômico local, captação de recursos por parte do governo local, bem como uma melhoria significativa na infra-estrutura básica local. Infelizmente, a falta de uma política pública bem definida, estruturada e coerente não permite um melhor aproveitamento das melhorias trazidas pela atividade.

Deve-se salientar que o turismo em si não é um problema para as localidades que passam a desenvolver tal atividade. Ao contrário é capaz de trazer consequências bem positivas, como evidenciado na análise dos impactos positivos em Morro de São Paulo. O grande problema de fato é a falta de estruturação e organização por parte do estado em se gerenciar e fiscalizar o turismo, procurando-se minimizar os impactos negativos, bem como potencializar os positivos.

No entendimento da prefeitura de Cairu, o turismo no vilarejo de Morro de São Paulo é uma fonte de captação de recursos que deve ser mantida e explorada ao máximo, procurando a atração de turista com maior poder de consumo. Nessa visão é negligenciada a população bem como suas necessidades essenciais, o que acarreta em muitos dos impactos negativos já analisados nesse trabalho.

Portanto, a análise feita em Morro de São Paulo demonstrou que a atividade turística ali realizada foi capaz de trazer impactos positivos e igualmente negativos. No entanto, evidenciou-se que, no que se refere a esses impactos negativos, foi o planejamento inadequado por parte da Prefeitura que levou a esses impactos e não a atividade turística de fato.

Referências Bibliográficas

- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Existe uma geografia do turismo? In: GASTAL, Susana (org). **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do Turismo**. 2ª Ed. São Paulo: Roca, 2003.
- DAMIANI, Amélia Luisa. Turismo e Lazer em Espaços Urbanos. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo. Modernidade. Globalização**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2ª ed, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- MORAES, A. C. R. Beira do Mar, Lugar Comum? A valorização e a valoração dos Espaços Litorâneos. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **Contribuições para a Gestão da Zona Costeira no Brasil: elementos para uma Geografia do Litoral Brasileiro**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999. Capítulo 1, p.13-26.
- MORAES, A. C. R. A Ocupação da Zona Costeira no Brasil: uma introdução. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **Contribuições para a Gestão da Zona Costeira no Brasil: elementos para uma Geografia do Litoral Brasileiro**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999. Capítulo 2, p.27-56.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Espaço. Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- XAVIER, Herbe. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.